

O BARÃO DE GOICANA E O SEU DIÁRIO

Fernando da Cruz Gouvêa

A venda do engenho Goicana, outrora um dos mais importantes da zona da mata sul de Pernambuco, caído em decadência por força do esgotamento do ciclo do “banguê”, e, no caso, até pela falta de herdeiros válidos, deu margem à descoberta de um fragmento do diário — 1886/1890 — que o seu proprietário durante a segunda metade do século passado, Sebastião Antônio de Acioli Lins, Barão de Goicana, escreveu com a regularidade e simplicidade que pareciam marcar a sua personalidade.

O Professor Murilo Guimarães, advogado da usina açucareira que incorporara ao seu patrimônio as terras do velho engenho, levou o documento ao historiador Gil de Metódio Maranhão, e o fundador do “Museu do Açúcar” percebendo a sua importância, microfilmou o manuscrito antes de devolvê-lo, pensando em publicá-lo através daquele órgão, o que não foi possível. A oportunidade surgiu 20 anos depois, quando o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano acolheu nas páginas de sua revista estas notas que, mesmo incompletas, são extremamente sugestivas e valiosas pelo que conta o autor acerca do universo açucareiro, das coisas do clã que ele integrava com destaque, dos problemas familiares de saúde sempre precária, dos seus trabalhadores que ele se orgulhava em frisar que eram todos livres, do estado sanitário, como se dizia então, da zona canvieira, da província e do país, oferecendo, neste particular, muitas informações sobre a medicina da época, que ele, como senhor de engenho, praticava com o Chernoviz à mão.

Além disso, são muito interessantes os comentários sobre as disputas políticas entre conservadores e liberais, bem como acerca de questões sociais que agitavam o País, como foi o caso da campanha abolicionista, idéia que o autor apoiava sem posicionamentos extremados, como fazia o seu irmão Prisciano de Barros Acioli, homem dominado, ao que parece, por um temperamento impetuoso.

São freqüentes as críticas a pessoas e coisas da política pernambucana, e, por vezes, da vida nacional, então com os conservadores no poder, sendo compreensível a insistência com que se referia Goicana, no costumeiro tom pessimista, às crises da economia açucareira. Nas suas notas há muitas informações sobre a agricultura que se praticava então nos engenhos, o fabrico e transporte do açúcar, melaço e aguardente para o Recife, todo um sistema de produção e comercialização que o advento das usinas modernizou, com exceção das crises...

Embora não seja livro de memórias de político, ou de um homem de letras, mas de um senhor de engenho que, obtido o título de

bacharel, seguiu o caminho dos seus ancestrais, isto é, retornou à sua propriedade e dedicou-se por inteiro à atividade de agricultor e produtor de açúcar, o diário que se vai ler não é banal, antes documenta o estado de espírito de uma época, as ressonâncias de fatos importantes da vida brasileira. No engenho, então distante do Recife, sem transporte rápido e direto, o Barão de Goicana sofreu as consequências desse seu isolamento, o bacharel esqueceu progressivamente os ensinamentos transmitidos pelos lentes de Olinda, a sua linguagem reflete o prejuízo do convívio sobretudo com a gente iletrada e simples do interior, enquanto no recesso doméstico o ambiente era dominado pelas doenças, criando no espírito do senhor um estado pessimista e hipocondríaco. Todavia, nota-se que o Barão era leitor assíduo dos jornais liberais que o seu correspondente no Recife enviada pelo trem da **Great Western**, pelas barcaças ou pelos vapores da Companhia Pernambucana. Neles inspiravam-se os severos julgamentos externados sobre figuras do governo conservador, na província praticando desmandos e sempre dominados pela rotina, enquanto na corte corria solta uma politicalha que o Barão, liberal independente, responsabilizava pela decadência em que resvalava o País. Era nas folhas oposicionistas recifenses — **A Província** e o **Jornal do Recife** —, que Goicana acompanhava o movimento que levaria à substituição do trabalho escravo pelo livre, e os acontecimentos que indicavam de modo bem claro o fim do Império.

Implantadas estas modificações sociais e políticas, a primeira, a abolição, ele comentaria com o júbilo natural de quem há anos se engajara naquela “causa justa e santa”, embora nos seus primeiros tempos de proprietário rural se servisse do braço cativo para aumentar a sua riqueza. A República foi ela recebida tranquilamente, e pelos reparos que amiúde fazia ao regime monárquico, repetindo acusações infundadas, sabe-se hoje, sobre gastos e desfrutes da família imperial, o Barão estava, ao que parece, próximo daqueles senhores de engenhos que, depois da vitória do movimento emancipacionista, eram favoráveis a uma nova ordem de coisas que substituísse o sistema político que envelhecera e se esgotara historicamente.

A quase inexistência de memórias ou diários, entre os brasileiros, tem sido lamentada por mais de um estudioso do nosso passado, convencidos todos de que tais escritos permitiriam revelações do maior interesse sobre a formação social do País. Tais papéis, assim como as correspondências privadas, seriam da maior utilidade, como os raros exemplares comprovam, para a reconstituição da época e o comportamento de uma sociedade hoje desaparecida.

A propósito de um trabalho que lhe fora dado ler sobre João Maurício Wanderley, o Barão de Cotegipe, Senador do Império e uma das maiores figuras de estadista do Segundo Reinado, exemplo raríssimo

de senhor de engenho e de homem público brasileiro a organizar seus papéis, escrevia Oliveira Lima: "As cartas privadas dão imenso valor a qualquer estudo histórico, não porque elas revelem tudo, mas porque o deixam perceber, e a verdade nelas transparece mais facilmente do que nos papéis oficiais; são, portanto, indispensáveis para a compreensão exata de uma época, e das suas personagens, contanto, bem entendido, que as utilize o intérprete com o necessário critério." Mais adiante, observava o autor de **Dom João VI no Brasil**: "Faltam igualmente a quem quer escrever sobre história do Brasil os subsídios representados pelas memórias dos contemporâneos, que tão viva podem tornar a evocação de um dado período e dos seus tipos representativos".¹

Homem simples, Sebastião Antônio de Acioli Lins, sem ter a dimensão intelectual do político baiano, foi, entretanto, um dos poucos senhores de engenho de Pernambuco a escrever, nos longos vagares passados na bela casa grande de Goicana, um diário contendo revelações sobre o seu mundo íntimo, suas inquietações provocadas pela caprichosa economia açucareira e da sociedade patriarcal que ele, Goicana, pressentia em fase de decadência, o que, de fato, aconteceu, a partir de 1880. Quando as circunstâncias da vida e condições de saúde menos sua do que da família, cada vez mais precárias, aconselharam a mudança para o Recife, o velho senhor de engenho continuou escrevendo o seu "diário", mas, agora nota-se o homem dominado pela nostalgia do engenho, abafado naquela vidinha de arrabalde, onde nada havia a fazer, apenas algumas ordens para dar no pequeno sítio da Torre que substituíra o universo de Goicana. Sucediã-se as queixas, ora do calor recifense, dos costumes da capital, da saúde de todos, e uma novidade passou a atormentar o Barão no limiar da velhice: o temor provocado pelos gastos decorrentes da mudança para a capital. O diário pára em fevereiro de 1890, supondo-se que o Barão tenha prosseguido suas anotações durante o período que lhe restou de vida, apreciando os primeiros tempos do regime republicano que, ingenuamente, ele acreditava que seria a salvação do Brasil. Sebastião de Acioli Lins, diziam seus desafetos, ostentava vaidosamente o título de Barão, mas a verdade é que nos registros, pelo menos do livro que milagrosamente chegou aos nossos dias, sente-se que ele nutria pelas idéias republicanas uma simpatia tornada mais franca após o 15 de novembro. Crítico severo dos políticos do Império, inclusive daqueles por algum tempo seus correligionários do Partido Liberal, o Barão de Goicana revelar-se-ia muito compreensivo para com o novo regime, meu moralismo seria tolerante para com os primeiros "desmandos desta dama", como diria Oliveira Lima da República, e conquanto escrevesse a 30 de novembro de 1889, que "não há alteração, com nua a pasmaceira", mais à frente observaria que "corrigir os vícios, m is hábitos, purificando os caracteres, é missão

(1) Cotegipe, em "O Estac de S. Paulo", 6 de agosto de 1907; repr. em Oliveira Lima — obra seleta, Rio de neiro, Instituto Nacional do Livro, 1971, p. 732.

espinhosa e difícil”, e, por isso mesmo, não poderia ser levada a cabo “sofregamente”. Em janeiro de 1890, ele achava que no governo militar predominavam elementos de tendência conservadora, mas agora pareciam-lhe patriotas. Pelo que deixa ver do seu caráter, Acioli Lins, confiando que a República devia proceder profundas reformas sociais, por ele enunciadas naquele começo de ano, se não tivesse desaparecido cedo, possivelmente teria alargado as críticas apenas esboçadas a 31 de janeiro de 1890, sobre o que chamava de “tropeços” e naturais desgostos causados pela ação dos novos donos do poder. Com o seu temperamento inclinado ao pessimismo, os atos do governo provisório e sobretudo daquele que se seguiu, sem dúvida, seriam desalentadores para o modesto observador político que em registros íntimos temia as incertezas que cercavam o começo da velhice.

O Barão de Goicana foi um perfeito exemplo daqueles senhores de engenho que, na fase final do patriarcalismo rural, abandonaram as propriedades que lhes emprestavam poder e foram com as famílias viver seus derradeiros dias no cotidiano indistinto da cidade grande.

(...)

O preparo deste diário para publicação, começou com a leitura cuidadosa do texto — 196 páginas manuscritas —, tarefa um pouco dificultada não pela caligrafia do Barão, relativamente nítida, mas porque feita em cópia fotográfica, ampliada, que torna, por vezes, ilegíveis, palavras que aparecem mais claras no original. Houve, portanto, que decifrar ao longo de leituras sucessivas e até mesmo durante a revisão das provas tipográficas, nomes próprios e expressões hoje raras, ou caídas em desuso com o passar do tempo e pelo aparecimento de novas técnicas, como aconteceu com a agricultura canavieira e a fabricação do açúcar, com certas doenças que grassavam na época, hoje praticamente eliminadas, e nomes de remédios, então quase sempre franceses. Na maioria dos casos, as palavras difíceis foram decifradas, preferindo-se considerar ilegíveis aquelas que, *sem uma inteira confirmação, poderiam alterar o original quase centenário, agora divulgado na íntegra*, depois de ter sido mencionado por Gilberto Freyre no seu livro *Ordem e Progresso*. Procedeu-se à atualização ortográfica, e algumas notas de pé-de-página foram elaboradas com a intenção de melhor esclarecer sobre pessoas e fatos mencionados por esse senhor de engenho destituído da arrogância comum a tantos grandes proprietários, e que, sem pretensões literárias, legaria um valioso documento sobre a sua vida familiar e o seu tempo. O comportamento e valores que marcavam a gente da sociedade patriarcal, são algumas das muitas sugestões que a leitura destas notas poderá provocar entre os estudiosos da nossa história social. Melancolicamente, o engenho que em vida de Sebastião de Acioli Lins era uma propriedade de primeira grandeza, que parecia tão sólido, degradou-se, a bela casa grande de outrora, que num

fim de tarde de verão chamou a atenção do Imperador, se ainda existe, está por certo reduzida a um pardieiro perdido nas terras agora incorporadas ao latifúndio de uma empresa açucareira.

(Excertos do prefácio a *O Barão de Goicana e seu diário*, separata do vol. 50 da Rev. do Inst. Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Recife, 1978, que nos foi enviada por cortesia do ilustre historiador que preparou e promoveu a edição do precioso códice).